

NAVAS, Cássia. ROCHELLE, Henrique. SANTAELLA-BRAGA, Cristina. SIQUEIRA, Arnaldo. SIRIMARCO, Gisela. **Pesquisa, Percepção, Percepções**. Campinas: UNICAMP, Debate Aberto de Grupo de Pesquisa. Coordenação: Cássia Navas. II Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Campinas, UNICAMP, 2014.

RESUMO

Junção de quatro escritas, precedidas por outra breve e introdutória, este texto deve ser percebido como uma *memória* de discussões sobre a percepção, tendo como foco o estado da arte da pesquisa dos integrantes do GEPETO - Grupo de Pesquisa Topologias do espetáculo: arte e identidade contemporâneas, liderado pela Profa. Dra, Cássia Navas. Construídos a partir de um *setting* de pesquisa instalado em torno de livro de Lúcia Santaella (*Percepção. Fenomenologia, Ecologia, Semiótica*, 2012), aqui se entrelaçam os textos *Pesquisa, percepção, percepções* (C. Navas), *Na Suspensão Perceptiva, o Duende* (C. Santaella-Braga), *Dança: percepto complexo* (G. Sirimarco), *Percepção, recepção, plateias* (A. Siqueira) e *A Recepção como Percepção e como Semiose* (H. Rochelle).

Palavras-Chave: percepção, representação, estudos em dança, metodologias de pesquisa.

ABSTRACT

Reunion of four writings, preceded by a fifth short introductory one, this paper should be perceived as a memory of discussions on perception, being focused on the *état de l'art* of the researches developed within GEPETO – Grupo de Pesquisa Topologias do Espetáculo: arte e identidade contemporâneas, led by Prof. Dr. Cássia Navas. Built from a research setting that revolves around Lucia Santaella's book *Percepção. Fenomenologia, Ecologia, Semiótica* (2012). Here are intertwined the short texts *Pesquisa, percepção, percepções* (C. Navas), *Na Suspensão Perceptiva, o Duende* (C. Santaella-Braga), *Dança: percepto complexo* (G. Sirimarco), *Percepção, recepção, plateias* (A. Siqueira) and *A Recepção como Percepção e como Semiose* (H. Rochelle).

Key Words: perception, representation, dance studies, research methodologies.

Pesquisa, percepção, percepções, por Cássia Navas

Este texto é junção de quatro escritas, precedidas por outra breve e introdutória. Fruto de dois encontros do GEPETO- Grupo de Pesquisa Topologias do espetáculo: arte e entidade contemporâneas (SP Escola de Teatro/capital, maio/14 e 2º Seminário do PPG ADC – Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena/Campinas, agosto/14), deve ser percebido como memória de discussões sobre algumas questões da percepção, tendo como foco o

estado da arte da pesquisa do grupo. Para estas ações, partiu-se da leitura comum de *Percepção. Fenomenologia, Ecologia, Semiótica*, de Lúcia Santaella (2012).

Porque este livro, neste momento? Para coordenar um grupo de pesquisas, composto por pesquisadores em campo, estratégias de investigação e sinergia de pesquisa se fazem necessárias, caso-a-caso, organizando-se momentos que funcionem como pontos de inflexão na trajetória de cada um e do grupo.

A escolha da obra de Lúcia Santaella insere-se neste contexto. A partir dela organiza-se um *setting* de pesquisa – um topus- quase especular- para centramento e descentramento das investigações, num livro também em diálogo com o projeto da coordenadora do grupo, *Teoria Geral (do Estado) da Dança* (NAVAS, 2010).

Estrutura-se um momento de debate que corre sobre linhas exógenas de força em conversa com as investigações, já que todas compartilham entre si o *trabalho de campo em dança*, referenciadas em análises de caso - companhias, criadores, obras e pólos de difusão. Referenciadas pois em situações em que se faz, por princípio, necessário o “perceber” em permanência, construindo-se metodologias a partir do campo.

“Perceber é se dar conta de algo externo a nós, o percepto”: segundo Santaella (2012) tal circunstância dá ao perceber uma sua característica peculiar, de outro modo não haveria diferença entre perceber, sonhar, alucinar, devanear, pensar abstratamente.

Uma das características da percepção seria, então, aquela do *sentido da externalidade* que acompanha o percepto, que, apesar disto, nunca é um *primeiro*, pois confrontados com algo que se apresenta nossos esquemas mentais já estão preparados para produzir um efeito interpretativo.

Desta maneira, nada podemos dizer (ou dançar ou receber) sobre o que nos aparece a não ser pela mediação de *juízos perceptivos* – de *interpretações*, que são também os *juízos de percepção* ou signos.

Assim percebemos uma obra de dança: a partir de sistemas de percepção/cognição, compostos de signos (juízos perceptivos), em articulação com os sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato.

Frente a cada espetáculo, somos/ficamos imersos na circulação de conteúdos que se estabelece entre obra e plateia, articulando-se a recepção de informações de natureza sonora e visual àquelas ligadas à discursividade verbal (SANTAELLA, 2000), mediante formas de raciocínio - indução, dedução e abdução - básicas na

formação dos repertórios de léxicos simbólicos que, como seres da linguagem, construímos, e pelos quais, em permanência, somos construídos.

Envoltos em miríades de perceptos, percebemos e somos percebidos a todo tempo, como “máquinas de processar de alta complexidade” (NAVAS, 2013), imersos em redes simbólicas, *recebendo-produzindo-recebendo-produzindo* informação em cadeias sógnicas de espiralamento infinito.

Cada *percepto*, de natureza sonora, visual, verbal, é colhido pelos órgãos dos sentidos, percebido, processado e devolvido na forma de um *juízo perceptivo*, que pode ser sutil rumor de estômago, bater imperceptível de cílios, alçamento de sobrancelhas, pequena alteração de pupila, reação de medo, júbilo, movimento involuntário, movimento voluntário. Imobilidade, pensamento, sentimento, movimento. Vida se renovando e repetindo-se em cada ser da espécie.

Na Suspensão Perceptiva, o Duende, por Cristina Santaella-Braga

Como a questão da percepção se apresenta à pesquisa que parte de um olhar psicanalítico sobre o gesto criador do intérprete flamenco no itinerário para a emergência do duende?

Tudo aquilo que se apresenta e está fora de nós foi nomeado por Peirce de *percepto*. “O percepto é aquilo que está lá fora e bate à porta da percepção. O percepto é o lado objetivo da percepção. Existe um mundo independente da minha mente, e esse mundo nos afeta” (SANTAELLA, 2014). E a primeira coisa que esse mundo afeta é a percepção. Ocorre que “o percepto é mudo. Ele não vem com rótulos. Ele nada diz sobre aquilo que está sendo percebido. Ele apenas se apresenta” (SANTAELLA, 2014).

Mas nós, seres humanos, estamos equipados com um sistema sensório muito complexo, como uma rede de sentidos, como janelas abertas para o mundo que funcionam como pontes entre aquilo que está lá fora e aquilo que é processado em nossa mente. O percepto, ao entrar, passa imediatamente pelo filtro dos nossos sentidos (sistema sensório-perceptivo). E ele é, a partir desse filtro sensório, automaticamente interpretado no julgamento de percepção ou juízo perceptivo (aquilo que diz para nós sobre o que nós estamos percebendo).

Do percepto *puro* para o percepto traduzido no julgamento de percepção, teremos o percipuum, ou seja, o percipuum tornou-se um elemento que nada mais é que o próprio percepto depois da passagem pelo filtro do nosso sistema sensório.

O percepto pode imediatamente ser traduzido, no caso de um estado habitual e cotidiano, estado cognitivo policiado. Isso é bem diferente de quando estamos frente a um espetáculo que nos despolicia fazendo desabrochar uma espécie de estado cândido, poroso e desarmado. Nesse caso, o julgamento perceptivo fica em suspensão. O julgamento hesita e não vem.

A suspensão do julgamento perceptivo coloca o espectador num estado especial. Olhamos e ficamos incertos, inclusive quanto ao efeito que está sendo produzido. Na qualidade de sentimento, o sistema sensório fica muito agudo, como se não tivesse experienciado antes situações similares. Sob o efeito estético, percebe-se como se fosse a primeira vez. No caso do artista, seja ele cantor, bailarino, ator, o *duende*, que toma conta de seu corpo e alma, é um dos grandes responsáveis por criar no espectador esse estado de incerteza perceptiva.

Dança: percepto complexo, por Gisela Sirimarco

Com a frase *a soma é mais que as partes do todo* ressonando em minha mente, me pergunto qual é o sentido de fazer parte de um grupo de pesquisa em dança no Brasil. Qual a importância de nossas pesquisas, e ainda, para quem estamos de fato produzindo esse conhecimento?

Buscando um ponto de partida para tal reflexão, retomo descrição da ementa do grupo de pesquisa em questão, aquele que faço parte, o GEPETO.

Penso em Santaella, quando nos apresenta o percepto, primeiro elemento da teoria da percepção peirciana como um estímulo insistente e teimoso, Peirce o define como o elemento de compulsão e insistência na percepção. Esse elemento corresponde à teimosia com que o percepto, ou "aquilo que está fora de nós, apresentando-se à porta dos sentidos, insiste na sua singularidade, compelindo-nos a atentar para ele" (SANTAELLA, 2012). Penso na necessidade de insistir.

Se considerarmos a dança como um percepto complexo, que insiste e teima em se manter realidade, cabe aos pesquisadores de dança, promover através de suas pesquisas aquele que Peirce considera o terceiro elemento de sua teoria, o juízo ou julgamento de percepção. Ou seja, o filtro que promove a leitura de um

percepto, o instrumento que nos permite compreender em detalhes o funcionamento da temporalidade lógica da percepção (SANTAELLA, 2012).

Assim, a mesma dança que é percepto mudo, que se apresenta apenas, torna-se um *percipum*, ou seja, o próprio percepto decodificado, ao ser percebida não como atividade supérflua, mera perfumaria da sociedade, mas volta a ter uma importância quase renascentista, que acredita na dança como atividade formativa do ser humano, cuja importância política e social é indiscutível e essencial na construção de uma sociedade democrática e civilizado.

"A soma é mais que as partes do todo", e para compreender essa frase precisamos ser a parte de um todo que insiste em se tornar realidade, sair do gueto, contaminar-se, e promover um pensamento democrático e acessível em dança. Pensamento que saia do senso comum, que possa discutir com propriedade algo que começa em encontros na sala de aula, na universidade, mas que se abre, atravessando outras camadas da sociedade.

Percepção, recepção, plateias, por Arnaldo Siqueira

Para a pesquisa *Festivais de Dança: diferentes olhares, distintos significados, diversos contextos...como avalia-los?*, a postulação que considera que o que está fora de nós, e que a nós se impõe em ato perceptivo, é o percepto, se insere em um viés filosófico de caráter realista que possibilita melhor condição de análise e mensuração do campo de pesquisa. Baseando-se na existência de um mundo real, oferecem-se assim justificativas para o desenvolvimento de procedimentos mais objetivos de análise, desvinculados de processos circunscritos unicamente ao campo dos sentidos. Tal paradigma oportuniza, assim, o estabelecimento de uma linha divisória clara entre conhecimento e crença.

De acordo com a lógica peirceana algo insistente que se impõe ao nosso reconhecimento, num conteúdo qualitativo positivo, é passível de ser classificado sob a espécie da percepção. Sob essa perspectiva se circunscreve o campo de minha pesquisa em andamento – no qual uma programação artística insere a dança na paisagem e arquitetura da cidade de Olinda, oportunizando outros olhares para o espaço urbano e o corpo que o habita –, como um beneficiário de aspectos da teoria da percepção de Peirce.

Entre eles figura o conceito de *percipuum*, uma vez que o que se espera mensurar na pesquisa não é a programação na condição de percepto, e sim, ela como se apresenta àquele que a assiste, o público, já na condição de *percipuum* – “o percepto tal como interpretado [no julgamento da percepção]” (SANTAELLA, 2012). O *percipuum*, porém, na teoria de Peirce, pode se manifestar de três maneiras (como uma espécie de sentimento, como um golpe, ou no âmbito dos hábitos – este, provavelmente, o *modus operandi* menos usual no contexto da pesquisa).

Além da inter-relação desses seus fatores também pode afetar o *percipuum*, a *questão da antecipação próxima* e a memória recente, denominados de *antecipuum* e *ponecipuum*, respectivamente. Esses componentes são conteúdos de ordem temporal que desempenham papel essencial, uma vez que sem eles os procedimentos de reconhecimento e identificação estariam comprometidos, e por extensão, todo o ato perceptivo.

Esse é o campo a ser mensurado pela pesquisa ao lado do Julgamento de Percepção – outro aspecto da teoria triádica de Peirce, no qual interagem elementos de esquemas mentais complexos e instintivos (como a abdução), inseridos na configuração lógica da semiose. Sendo, portanto, um **exercício sígnico**. Nas palavras da autora: “o julgamento de percepção está no papel do signo” (SANTAELLA, 2012).

A Recepção como Percepção e como Semiose, por Henrique Rochelle

A teoria da percepção de Santaella (2012) é fundada no *percepto*, conteúdo de realidade insistente e manifesta que demanda ser entendido. Esse foco coloca o entendimento da teoria da percepção como parte diretamente derivada da Semiótica: a teoria proposta, ao articular a estrutura representativa de um insistente a ser compreendido e capaz de gerar entendimentos em mentes é, em si mesma, uma teoria semiótica.

O interesse central da pesquisa de doutorado *Recepção na Dança como Linguagem: Metodologia e Análise*, também tem entendimentos que se fundam na semiótica. O procedimento que Santaella adota - o uso de elementos da teoria semiótica para o esclarecimento da teoria em explicação - é espelhado na pesquisa doutoral, que partiu de uma apropriação de elementos semióticos para propor uma discussão da recepção. Não se trata, em nenhum dos exemplos, de rever uma teoria

a serviço da outra, mas de organizar, a partir da sistemática de um edifício teórico já resolvido, propostas para a construção de novas compreensões, alimentando ambos os campos - o inspirador e o pesquisado - por contribuir com avanços em ambas as direções: a um passo fomentando o entendimento da Semiótica como ciência moldável a diversas aplicações, a outro passo avançando o entendimento de outras áreas acerca de suas características formativas.

Dentro deste mesmo procedimento, aproximar a teoria da percepção àquilo que se propõe como uma teoria da recepção da dança (compreendida como o seu entendimento pelo público quando da apresentação), tem como ponto de partida a consideração desse núcleo - o fato perceptivo - e da busca de sua equivalência na dança. Esse estímulo, que se presentifica em mente e possibilita entendimento, na dança pode ser apontado como o espetáculo, em sua realização récita após récita. É no contato com esse instante representativo que surge espaço para o entendimento, a comunicação entre artistas e plateias através das obras.

A proposta de discriminar e elucidar os elementos da Dança como Linguagem é uma proposta que visa a esclarecer o sistema de funcionamento dessa forma comunicativa. Assim como explicar a percepção não é pré-delimitar aquilo que é percebido, explicar a linguagem da dança não é pré-determinar o que será entendido dela, e sim informar sobre suas potências, que permanecerão no aguardo de seus sujeitos para serem de fato realizadas, comunicadas.

Referências Bibliográficas

- LORCA, F. Juego y teoría del duende. Barcelona: Nortedur, 2010
- NAVAS, C. Teoria Geral (do estado) da Dança. Anais IV Congresso da ABRACE, São Paulo: UNESP, 2010
- NAVAS, C. Permanente e efêmero, questões e um exemplo da recepção em dança. São Paulo: www.cassianavas.com.br , 2013
- SANTAELLA, L. Matrizes da Linguagem e do Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001
- SANTAELLA, L. SANTAELLA, L. Percepção. Fenomenologia, Ecologia, Semiótica. São Paulo: Change Learning, 2012.

SANTAELLA, L. Entrevista concedida a Cristina Santaella. São Paulo, Agosto de 2014.